

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA ESCOLA: ANÁLISE DAS REFLEXÕES DE ESTUDANTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DA BAHIA

Critical Environmental Education in School: An Analysis of Students' Reflections in a Public School in the Interior of Bahia

Débora Souza Silva– UESB-BA
Silvana do Nascimento da Silva– UESB-BA
Lucas da Conceição Santos–UNESP/SP

RESUMO: A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental – Anos Finais no município de Ipiaú, Bahia, com o objetivo de analisar como a Educação Ambiental está sendo abordada no contexto escolar. De abordagem qualitativa, a investigação incluiu observação, aplicação de uma oficina interdisciplinar e reflexão crítica. A intervenção pedagógica teve três etapas: levantamento de conhecimentos prévios com nuvem de palavras, exibição do vídeo “MAN” e discussões críticas sobre a relação entre ações humanas e meio ambiente. A observação participante mostrou que a Educação Ambiental ainda é abordada de forma pontual, geralmente restrita a datas comemorativas. No entanto, a abordagem crítica permitiu aos alunos refletirem sobre sua realidade, promovendo uma compreensão mais profunda e transformadora. Os resultados evidenciam a importância de integrar a Educação Ambiental de forma transversal no currículo, estimulando a cidadania socioambiental e a formação de agentes de mudança comprometidos com a sustentabilidade.

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem; Educação Ambiental Crítica; Ensino de Ciências.

ABSTRACT:

The research was conducted in a public elementary school (final years) in the municipality of Ipiaú, Bahia, with the objective of analyzing how Environmental Education is being addressed in the school context. Using a qualitative approach, the research included observation, the application of an interdisciplinary workshop, and critical reflection. The pedagogical intervention had three stages: Eliciting prior knowledge using a word cloud, showing the video "MAN," and critical discussions about the relationship between human actions and the environment. Participant observation showed that Environmental Education is still addressed in a piecemeal fashion, generally restricted to commemorative dates. However, the critical approach allowed students to reflect on their reality, promoting a deeper and more transformative understanding. The results highlight the importance of integrating Environmental Education across the curriculum in a cross-curricular manner, fostering socio-environmental citizenship and the training of change agents committed to sustainability.

Keywords: Teaching and Learning; Critical Environmental Education; Science Education.

1. INTRODUÇÃO

A Constituição Federal brasileira estabelece o meio ambiente como um bem de uso comum, transferindo a responsabilidade de sua preservação tanto ao Poder Público quanto à coletividade (Quintas, 2006). Nesse contexto, as decisões sobre o uso dos recursos naturais refletem um embate entre o interesse público e a apropriação privada. Para enfrentar esse cenário, Layrargues (2004) defende que a Educação Ambiental seja compreendida essencialmente como uma prática pedagógica, na qual o componente ambiental define o contexto e o propósito da ação educativa.

“O adjetivo ambiental designa uma classe de características que qualificam essa prática educativa, diante desta crise socioambiental que ora o mundo vivencia. Entre essas características, está o reconhecimento de que a educação tradicionalmente tem sido não sustentável, tal qual os demais sistemas sociais, e que para permitir a transição societária rumo à sustentabilidade, precisa ser reformulado” (Layrargues, 2004, p.7).

A Educação Ambiental (EA) tem consolidado a gestão ambiental como um território de ensino e aprendizagem, visando qualificar a participação social nas decisões sobre o uso dos recursos naturais no país (Quintas, 2006). Essa prática, entretanto, não é homogênea; conforme aponta Layrargues (2004), a trajetória da EA é marcada por diversas classificações e correntes teóricas que moldam os sentidos e as abordagens das ações pedagógicas frente à problemática ambiental.

Sob a ótica de Guimarães (2000, p. 17), a relação entre educador e educando deve ser pautada na "práxis", ou seja, um ensino que integra teoria e prática ao abrir-se para os problemas socioambientais da comunidade. Ao adotar essa postura transformadora, a educação escolar possibilita o surgimento de uma nova consciência ética, essencial para que o educando compreenda a realidade sob a tônica do cuidado e do respeito mútuo (Valpasso; Castor, 2021).

Portanto, nesta pesquisa abordamos como é necessário esse assunto ser pautado para o ensino e aprendizagem de adolescentes nas disciplinas de Ciências, diante desse cenário surgem as seguintes questões de pesquisa: Quais são as reflexões críticas e limitações apresentadas pelos alunos durante uma oficina de Educação Ambiental Crítica realizada em uma feira de Ciências do Ensino Fundamental II?

Este trabalho se justifica pela necessidade da abordagem crítica da Educação Ambiental que busca revelar as raízes históricas, políticas, econômicas e culturais da degradação socioambiental, promovendo a reflexão sobre as conexões entre as crises ambientais e as desigualdades sociais. Que afetam todas as formas de vida, integrando perspectivas e experiências, estimulando o desenvolvimento de uma consciência ecológica, valorizando saberes e a participação ativa na construção de alternativas sustentáveis. Com a urgência imposta pelo cenário atual, e a promoção da Educação Ambiental Crítica torna-se fundamental para trazer questionamentos e formar cidadãos engajados e capazes de atuar na construção de sociedades mais justas e responsáveis. Esse ensino e aprendizagem se mostram extremamente necessários no cotidiano da sala de aula. Durante as observações realizadas no projeto de Iniciação Científica realizado na UESB financiado pela CAPES, emergiu o questionamento ainda mais profundo sobre as limitações que os alunos enfrentam em relação à Educação Ambiental Crítica.

A natureza dinâmica da oficina facilitou significativamente as análises. Sua integração na Feira de Ciências proporcionou uma abordagem particularmente propícia e inovadora, divergindo dos métodos tradicionais. Esta metodologia ativa visou contextualizar a aprendizagem nas experiências vividas e nas realidades dos alunos, transcendendo uma perspectiva meramente centrada no professor.

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar os limites e possibilidades da aplicação de uma oficina de Educação Ambiental Crítica no contexto de uma Feira de Ciências. Para isso, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) Elaborar e aplicar a oficina sobre Educação Ambiental Crítica; b) Avaliar a oficina quanto à sua interface com o ensino de Ciências, identificando as reflexões críticas e as dificuldades apresentadas pelos estudantes.

2. MATERIAL E MÉTODO

2.1 Abordagem e tipo de pesquisa

A pesquisa é de abordagem qualitativa pois exige que o “fenômeno a ser estudado seja examinado como ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos limita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (Bogdan; Biklen, 1994 p. 49). Seguindo a natureza interventiva para gerar conhecimentos e práticas alternativas nos processos de investigação.

A pesquisa é definida como um "processo de investigação para solucionar, responder ou aprofundar" o estudo de um fenômeno (Bastos; Keller, 1995, p. 53).

Na educação, a investigação qualitativa é dita naturalista pois ocorre nos contextos reais onde os fenômenos se manifestam, priorizando a observação de comportamentos e interações espontâneas (Guba, 1978).

Esta pesquisa possui caráter interventivo, definindo-se pela mediação e interferência do pesquisador no intuito de influenciar o desenvolvimento ou o desfecho do fenômeno estudado (Ferreira, 1999; Houaiss; Villar, 2009; Michaelis, 1998).

No cenário educacional, a pesquisa interventiva é reconhecida como uma abordagem capaz de produzir conhecimento e práticas inovadoras por meio de processos colaborativos (Chizzotti, 2006; Dionne, 2007; Dubost, 1987). Tal perspectiva viabiliza a testagem de estratégias didáticas e o desenvolvimento de processos formativos voltados à resolução de questões práticas (Teixeira; Neto, 2017). Essa tendência responde à crescente demanda na Educação em Ciências por investigações que resultem em melhorias efetivas no ensino e na aprendizagem (André, 2006; Gatti, 2000; Miranda; Resende, 2006).

2.1.2 Etapas da pesquisa

A pesquisa foi realizada em 3 etapas, a saber: observação, oficina e reflexão crítica.

Quadro 1. Detalhamento das etapas do percurso metodológico.

Etapas da pesquisa	Descrição	Objetivos da intervenção
Observação	Interação direta com os sujeitos da pesquisa, para compreender as dinâmicas e práticas pedagógicas realizadas na escola.	<ul style="list-style-type: none">• Identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre Educação Ambiental.• Compreender as interações dos alunos com o tema.• Analisar dificuldades na abordagem do assunto.

Oficina	Estratégia pedagógica interativa que promove a construção e reconstrução do conhecimento. Utilizando de estratégias como: nuvem de palavras, vídeos, discussões e atividades práticas para engajar os participantes.	<ul style="list-style-type: none">• Estimular a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.• Relacionar saberes populares e científicos.• Incentivar o pensamento crítico.• Criar um espaço colaborativo para troca de ideias e experiências.
Reflexão Crítica	Problematização do tema discutido na oficina e conexão de teórico-prática	<ul style="list-style-type: none">• Analisar as reflexões críticas dos alunos sobre o impacto das ações humanas no meio ambiente.• Promover a autonomia no pensamento e decisões sustentáveis.• Relacionar teoria e prática, levando os alunos a refletirem sobre mudanças possíveis em seu cotidiano.• Realização da produção textual.

Fonte: Elaboração própria (2026).

2.1.3 Planejamento da oficina

A oficina foi desenvolvida com carga horária total de 4 horas, divididas em dois turnos (matutino e vespertino), com as seguintes estratégias:

Planejamento

Quadro 2. Organização didático-metodológica da oficina.

Carga Horária	Temas	Estratégias Didáticas	Instrumento de coleta de dados
2 horas (Manhã)	Educação Ambiental e suas perspectivas para	Nuvem de palavras no quadro branco	-Registros fotográficos - Debate sobre problemas socioambientais do cotidiano

	um futuro sustentável e consciente	Exibição do vídeo “MAN” Debates guiados sobre impactos ambientais.	-Reflexão pessoal crítica (produção textual)
2 horas (Tarde)	Educação Ambiental e suas perspectivas para um futuro sustentável e consciente	Nuvem de palavras no quadro branco Exibição do vídeo “MAN” Debates guiados sobre impactos ambientais.	-Registros fotográficos - Debate sobre problemas socioambientais do cotidiano -Reflexão pessoal crítica (produção textual)
Total: 4 Horas			
Total de Alunos:24			

Fonte: Elaboração própria (2026).

2.2 Local e Sujeitos pesquisados

O município de Ipiaú possui cerca de 40.706 mil habitantes (Censo IBGE, 2022), fica localizado no ecótono (área rica de transição) de dois biomas, mata atlântica e caatinga, possuindo unidade territorial de 280,454km² (IBGE, 2022).

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da rede municipal de Ipiaú, localizada no território Médio Rio das Contas, no sul da Bahia. Situada próxima ao centro da cidade, atende predominantemente alunos de classe baixa, muitos dos quais dependem do transporte público disponibilizado pela prefeitura. Em seu entorno encontram-se outras escolas, além da prefeitura, da Secretaria de Educação e de clínicas.

A escola possui área arborizada com projetos como a horta, salas amplas e climatizadas, quadra esportiva e espaço compartilhado de biblioteca e laboratório, com materiais produzidos pelos próprios alunos.

A oficina foi realizada em parceria com os professores e destinada a estudantes de 12 a 15 anos, totalizando 24 participantes, distribuídos em dois turnos. Por ocorrer no contexto da Feira de Ciências, houve significativa identificação dos alunos com a temática, favorecendo participação voluntária e engajada.

2.3 Análise dos dados

Seguindo o caminho metodológico, utilizamos a análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011), consiste em um conjunto de técnicas sistemáticas e objetivas de análise das comunicações, com a finalidade de descrever o conteúdo das mensagens e possibilitar inferências acerca das condições de produção ou de recepção, por meio de indicadores quantitativos ou qualitativos.

De acordo com Bardin (1977), a Análise de Conteúdo considera tanto as condições do emissor e seu contexto quanto as do receptor e os efeitos produzidos pela mensagem. Nessa perspectiva, a identificação do impacto das mensagens em diferentes públicos constitui aspecto relevante para o avanço do conhecimento, conforme destaca Franco (2005).

Ainda segundo Bardin (2016), a codificação requer a definição clara dos objetivos da análise, pois consiste no processo de transformação dos dados brutos em unidades organizadas que permitam a descrição precisa das características do conteúdo. Neste estudo, as unidades consideradas são: o tema (assunto tratado), os personagens (alunos) e o acontecimento (a oficina e a reflexão crítica).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: observação, oficina e reflexão crítica, possibilitando a análise da percepção dos alunos acerca da Educação Ambiental. A oficina ocorreu durante a Feira de Ciências e Matemática, que contou com salas temáticas. Além de participarem das atividades, os estudantes também apresentaram seus projetos a alunos de outras escolas (Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio), com a presença da Secretaria de Educação.

Para contextualizar a temática “Educação Ambiental e suas perspectivas para um futuro sustentável e consciente”, realizou-se uma palestra sobre Educação Ambiental e Avifauna, ministrada pela professora e bióloga Conça. Embora breve, a palestra constituiu um ponto de partida para as discussões desenvolvidas na oficina, realizada nos turnos matutino e vespertino. Essa dinâmica possibilitou a coleta de dados sobre a compreensão dos alunos quanto aos conceitos de Educação Ambiental, contribuindo para a análise dos resultados.

3.1 Estratégias Didáticas para Construção do Conhecimento sobre a Educação Ambiental Crítica

Segundo Correia (2009), a observação participante pressupõe o contato direto, contínuo e prolongado do pesquisador com os sujeitos em seu contexto, exigindo postura atenta e isenta de interferências subjetivas para a adequada compreensão dos fatos e interações.

Nesse sentido, a observação participante foi fundamental para compreender a relação dos alunos com a Educação Ambiental no ambiente escolar, permitindo identificar dificuldades conceituais e a necessidade de abordagens mais interativas e dinâmicas.

Conforme destaca Mónico (2017), o observador participante atua em duas frentes: envolve-se nas atividades da situação social e, simultaneamente, observa e registra acontecimentos, sujeitos e aspectos do ambiente. A inserção do pesquisador no cotidiano escolar possibilitou uma análise mais aprofundada das práticas pedagógicas e dos desafios enfrentados pelos professores na abordagem do tema.

As observações realizadas na escola e as interações com os professores evidenciaram dificuldades dos alunos em relação à Educação Ambiental, além da necessidade de superar uma abordagem pontual e superficial, frequentemente limitada a datas comemorativas.

Diante dessas lacunas, foi proposta uma oficina de Educação Ambiental crítica, inserida na Feira de Ciências da instituição, com o objetivo de promover debates, reflexões e contribuir para a construção do conhecimento dos estudantes.

A oficina foi organizada em quatro momentos, cada um com função específica, permitindo uma exploração mais aprofundada do tema e favorecendo a construção dos conceitos pelos alunos.

Momento 1: Levantamento dos conhecimentos prévios por meio da nuvem de palavras, estratégia que permitiu mapear as concepções iniciais dos alunos sobre Educação Ambiental. Foram identificadas palavras-chave recorrentes, como “reciclagem”, “conservação”, “meio ambiente” e “biodiversidade”. O recurso constituiu ponto de partida para ampliar a discussão e articular saberes prévios a novos conceitos.

O que é Educação Ambiental



Figura 1 - Menti (Arquivo Pessoal).

Apesar da timidez inicial na atividade da nuvem de palavras, mesmo após a explicação de que não havia respostas certas ou erradas, os alunos associaram a Educação Ambiental a datas comemorativas, como Dia da Árvore, Dia da Água e Dia do Meio Ambiente, evidenciando uma visão pontual e fragmentada. Também relacionaram o tema a conceitos como reciclagem, conservação, biodiversidade e meio ambiente, porém de maneira superficial e pouco articulada.

Reciclagem refere-se ao reaproveitamento de materiais descartados, reinserindo-os no ciclo produtivo e contribuindo para a redução de resíduos e para a sustentabilidade (Ministério do Meio Ambiente, 2025). Conservação implica o uso racional dos recursos naturais, buscando equilibrar exploração e preservação (Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal, 2022). Biodiversidade diz respeito à variedade de vida e de ecossistemas (Agência de Notícias BNDES, 2025), enquanto meio ambiente compreende o conjunto de elementos naturais e sociais que interagem e influenciam a vida (Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística, 2024). Ainda assim, tais conceitos não eram articulados de modo crítico pelos estudantes.

Conforme Souza (2020), a Educação Ambiental Crítica não se limita à reflexão, exigindo condições concretas para a transformação social. Quando provocados a pensar sobre responsabilidades individuais e coletivas, os alunos demonstraram dificuldade em ampliar a compreensão para além de eventos isolados.

Nesse contexto, a nuvem de palavras mostrou-se adequada para identificar conhecimentos prévios, favorecendo a aprendizagem significativa, entendida como o confronto entre saberes já existentes e novos conhecimentos (Mendonça et al., 2022). Como destacam Vilela, Ribeiro e Batista (2020), essa ferramenta permite visualizar a frequência de termos, auxiliando na análise das percepções. Além disso, seu uso promove a participação ativa e a sistematização coletiva das ideias (Prais; Flor, 2017).

Assim, a estratégia possibilitou iniciar a oficina a partir da realidade dos alunos, estimulando conexões entre experiências cotidianas e conteúdos científicos, aspecto essencial para uma aprendizagem investigativa e transformadora (Sasseron, 2018; Scarpa et al., 2017).

Momento 2: Exibição do vídeo "MAN" – A utilização do recurso audiovisual possibilitou analisar os impactos ambientais das ações humanas, despertando reações imediatas e reflexões críticas nos estudantes. Para que o vídeo cumpra sua função pedagógica, é necessário que o professor o integre aos conteúdos das aulas, evitando que seja visto apenas como elemento ilustrativo e promovendo a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem (Lima, 2001).

A animação “*MAN*”, de Steve Cutts, apresenta uma crítica contundente à degradação ambiental, retratando a industrialização desenfreada, a urbanização desordenada, a poluição dos mares e a exploração animal como expressões de uma relação insustentável com o planeta. Conforme Vasconcelos e Leão (2009), a integração de recursos tecnológicos ao ensino fortalece o processo de aprendizagem.

Nesse contexto, o vídeo atuou como mediador entre conhecimentos prévios e novos saberes, incentivando o debate a partir das vivências dos alunos. Ao problematizar a destruição ambiental, favoreceu reflexões sobre responsabilidade individual e coletiva. Como aponta Loureiro (2019), a degradação da natureza reflete relações sociais também marcadas por processos destrutivos, reforçando a necessidade de uma postura crítica e transformadora diante das questões socioambientais.

Momento 3: Discussão coletiva- A troca de experiências entre os alunos contribuiu para a construção de significados sobre Educação Ambiental, ao relacionar os conceitos da oficina à realidade cotidiana. Durante o vídeo, destacaram como mais impactantes o derretimento das geleiras, a poluição dos mares, o desmatamento e a caça predatória. A partir disso, promoveu-se um debate que articulou essas questões à realidade local, como a caça de animais nativos, a criação de aves silvestres em cativeiro e o avanço do desmatamento na região.

Conforme Paranhos e Mendes (2010), estratégias pedagógicas devem aproximar os estudantes da realidade, estimulando a reflexão teórica e prática por meio de questionamentos que favoreçam a resolução de problemas concretos. Esse movimento de

ação-reflexão-ação contribui para o desenvolvimento da autonomia, responsabilidade e competências críticas.



Figura 2 - Discussão Coletiva (Arquivo Pessoal).

A discussão coletiva mostrou-se fundamental para que os alunos expressassem opiniões, considerassem diferentes perspectivas e articulassem vivências ao conteúdo abordado. Assim, ao compreender o ensino como construção conjunta e problematizadora (Costa et al., 2015), observou-se que os estudantes passaram a analisar de forma mais crítica os impactos socioambientais, refletindo sobre

responsabilidades individuais e coletivas e sobre as consequências futuras de tais ações. O vídeo “MAN” ampliou essa consciência, despertando inquietações e reforçando a necessidade de decisões fundamentadas e transformadoras, como destaca Sasseron (2018).

3.1 Reflexão Crítica: Conexão entre Teoria e Prática

Os estudantes foram incentivados a imaginar cenários futuros, desenvolvendo pensamento reflexivo, e, em seguida, produziram um texto sobre o impacto de suas próprias ações no meio ambiente.

Segundo Viégas e Guimarães (2008), muitas práticas de Educação Ambiental ainda se limitam à transmissão de conteúdos e à sensibilização, sem promover a conscientização efetiva, que pressupõe a articulação entre reflexão e ação.

Para que essa reflexão se concretize, é fundamental compreender os princípios da transversalidade e da interdisciplinaridade, conforme orienta o Conselho Nacional de Educação (CNE), no Parecer nº 7, de 7 de abril de 2010:

“A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática

que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada. Assim, nessa abordagem, a gestão do conhecimento parte do pressuposto de que os sujeitos são agentes da arte de problematizar e interrogar, e buscam procedimentos interdisciplinares capazes de acender a chama do diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas” (CNE/CEB, 2010, p. 41).

Na etapa final, os alunos refletiram criticamente sobre os aprendizados e sua aplicação no cotidiano, passando a compreender a Educação Ambiental como elemento fundamental à transformação social, e não como tema isolado.

Embora a maioria dos estudantes reconheça a importância da preservação ambiental evidenciando avanços no campo cognitivo, isso não tem sido suficiente para promover mudanças concretas nas condições do planeta (Viégas; Guimarães, 2008).

Segundo os autores, embora haja iniciativas que integrem teoria e prática, ainda prevalece, em muitos contextos, uma abordagem individualista e comportamentalista, que pressupõe que sensibilização e conhecimento, isoladamente, sejam suficientes para promover mudanças no comportamento ambiental.

Portanto, a reflexão foi centrada em uma questão fundamental: "Como você visualiza o mundo em 2030? Será um cenário de colapso ambiental, no qual a adaptação será necessária, ou um contexto em que as ações coletivas e individuais terão contribuído para mitigar os problemas ambientais?"

A partir desta abordagem, emergiram as seguintes reflexões, que variam entre visões pessimistas de colapso ambiental e esperanças depositadas na educação e na ação das novas gerações:

“Eu penso que daqui a uns anos a terra será inabitável e teremos que ir para outros planetas os quais já estão em estudo” - Estudante 1º

“O vídeo fala que os humanos estão cada vez mais poluindo o mundo, como a parte do navio que o homem estava jogando barril com um sinal tóxico, indicando que aquele homem estava poluindo os mares, eu acredito que a nova geração, poderá conseguir melhorar o mundo, sendo importante a educação ambiental” - Estudante 2º

“Os impactos ao meio ambiente não serão 100% remediados, pois a muitos anos a sociedade tem feito com que a poluição e o desmatamento cresçam mais e mais” - Estudante 3º

Segundo Viégas e Guimarães (2008), crianças e adolescentes devem ser reconhecidos como sujeitos ativos na construção do conhecimento e de valores, especialmente na Educação Ambiental.

A análise das reflexões dos alunos indica que, embora possuam percepções sobre o tema, a limitação do diálogo e a predominância de uma abordagem conteudista ainda restringem a expressão de suas opiniões, que tendem a surgir apenas em momentos pontuais. Dando continuidade a essas reflexões:

“Se continuar assim, queimadas, poluição, extinção dos animais. Irá aumentar o aquecimento global e não terá como reverter, pois já estamos no efeito estufa e já estamos sentindo os efeitos em nossas vidas, espero que as pessoas possam se conscientizar daqui até 2030” - Estudante 4º

“Primeiramente acredito que os problemas ambientais como o aquecimento global, queimadas, desmatamento e a extinção de animais, não serão amenizados se continuarmos assim, utilizando os mesmos métodos de conscientização. Devemos começar da base e investir nas novas gerações e na educação pública, assim sairiam da escola “pondo” em prática todo conhecimento adquirido” - Estudante 5º

As reflexões dos estudantes evidenciam significativo nível de consciência socioambiental, mesmo diante das limitações do espaço escolar para aprofundar o debate. Ao relacionarem problemas globais, como aquecimento global, queimadas e extinção de espécies, às ações humanas e à fragilidade de abordagens tradicionais, demonstram não apenas domínio conceitual, mas também capacidade crítica de análise e proposição.

Conforme Martins et al. (2019), as ações de Educação Ambiental devem ir além da sensibilização, promovendo transformações concretas por meio de uma abordagem reflexiva que considere a complexidade das questões ambientais e sua inserção na dinâmica social. Nesse sentido, a oficina possibilitou aos alunos refletirem sobre a realidade em que estão inseridos, articulando impactos ambientais, vivências e perspectivas futuras.

De acordo com Loureiro (2019), a Educação Ambiental exige postura crítica diante dos modelos de sociedade e sustentabilidade, envolvendo a compreensão de direitos e responsabilidades e a atuação tanto no cotidiano quanto na esfera política, em direção à transformação social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidenciou que a abordagem contextualizada da Educação Ambiental Crítica contribui para formar estudantes mais críticos e conscientes das questões

socioambientais. Inicialmente, os alunos associavam o tema a ações pontuais e datas comemorativas; contudo, ao longo da oficina, avançaram nas reflexões ao relacionar o conteúdo às próprias vivências e propor soluções para problemas reais. Estratégias como a nuvem de palavras, o vídeo “MAN” e os debates coletivos favoreceram a mobilização de conhecimentos prévios e a construção de novos saberes.

Apesar dos resultados positivos, destacam-se limitações como o tempo reduzido da oficina e a necessidade de ações contínuas para consolidar mudanças. A reflexão crítica mostrou-se essencial para fortalecer o processo educativo e estimular o reconhecimento do papel dos estudantes como agentes de transformação.

Reitera-se, assim, a importância de inserir a Educação Ambiental Crítica de forma transversal e permanente no currículo, por meio de práticas que articulem conhecimento, ação e transformação, ampliando o debate para além da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: desafios contemporâneos. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 1, n. 1, p. 43–57, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, [1997], 2016.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 7, de 7 de abril de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 jul. 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Identidades da educação ambiental brasileira. Coordenação de Philippe Pomier Layrargues. Brasília: **Ministério do Meio Ambiente**, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, p. 221–236, 2003.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 30–36, 2009.

COSTA, Raphael Raniere de Oliveira; MEDEIROS, Soraya Maria de; MARTINS, José Carlos Amado; MENEZES, Rejane Maria Paiva de; ARAÚJO, Marília Souto de. O USO DA SIMULAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM SAÚDE E ENFERMAGEM: UMA REFLEXÃO ACADÊMICA. **Espaço para a Saúde**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 59–65, 2015. DOI: 10.22421/15177130-2015v16n1p59.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Líber Livro, 2007.

DUBOST, Jean. **Intervention psycho-sociologique**. Paris: PUF, 1987.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 1999.

GATTI, Bernadete. A produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações sócio-político-educacionais. In: CONFERÊNCIA DE PESQUISA SÓCIO-CULTURAL, 3., 2000, Campinas. Anais [...]. Campinas, 2000.

GUBA, Egon. **Toward a methodology of naturalistic inquiry in educational evaluation**. Los Angeles: Center for the Study of Evaluation, 1978.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental: no consenso um debate?** Campinas: Papirus, 2000.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA DO DISTRITO FEDERAL (IPEDF). **Conservação ambiental**. Brasília, 2022.

LIMA, Artemilson Alves de. **O uso do vídeo como instrumento didático e educativo em sala de aula**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico. Questões ontológicas e metodológicas da educação ambiental crítica no capitalismo contemporâneo. **REMEA – Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 36, n. 1, p. 79–95, 2019.

MARTINS, Paolo et al. Educação ambiental crítica, da teoria à prática escolar. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 14, n. 2, p. 86–102, 2019.

MENDONÇA, Emanuel Deodato et al. Aulas práticas como estratégia de ensino. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, 2022.

MICHAELIS. Moderno dicionário da língua portuguesa São Paulo: **Melhoramentos**, 1998.

MIRANDA, Marília Gouvea de; RESENDE, Anita C. Azevedo. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 511-518, dez. 2006.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Reciclagem**. Brasília, 2025.

MÓNICO, Lisete et al. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ**, v. 3, 2017.

PARANHOS, Vania Daniele; MENDES, Maria Manuela Rino. Competency-based curriculum and active methodology. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, 2010.

PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza; FLOR, Vanderley. Nuvem de palavras e mapa conceitual. **Nuances: Estudos sobre Educação**, v. 28, n. 1, p. 201–219, 2017.

QUINTAS, José Silva (Org.). Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. 3. ed. Brasília: Ibama, 2006. 204 p. **Coleção meio ambiente. Série educação ambiental**. ISBN 85-7300-235-2.

SASSERON, Lúcia Helena. Ensino de ciências por investigação. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, p. 1061–1085, 2018.

SCARPA, Daniela Lopes et al. O ensino por investigação e a argumentação em aulas de ciências naturais. **Revista Tópicos Educacionais**, v. 23, n. 1, p. 7–27, 2017.

SOUSA, Daniele Cristina de. Educação ambiental crítica e a pedagogia histórico-crítica. **Revista Simbio-Logias**, v. 12, n. 17, p. 52–63, 2020.

TEIXEIRA, Paulo; NETO, Jorge. **Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva**. São Paulo, 2017.

VASCONCELOS, Flávia; LEÃO, Marcelo. A utilização de vídeos didáticos na introdução de conceitos científicos em um museu de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA


EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ENPEC, 2009. p. 1-10. ISSN: 21766940.


VALPASSO, Mariane Jordão; CASTOR, Katia Gonçalves. **Guia didático de educação ambiental crítica**. 2021.


VIÉGAS, Aline; GUIMARÃES, Mauro. Crianças e educação ambiental na escola. **RevBEA – Revista Brasileira de Educação Ambiental**, edição especial, p. 56–62, 2008.

VILELA, Rosana Brandão; RIBEIRO, Adenize; BATISTA, Nildo Alves. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo. **Millenium**, v. 2, n. 11, p. 29–36, 2020.

Credenciais da/os autora/es

Débora Souza Silva, graduada em Ciências Biológicas (UESB), Mestranda pelo programa de pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores (UESB)  Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8276-6277> E-mail: deborass1999@outlook.com

Silvana do Nascimento Silva. Professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, graduada em Ciências Biológicas (UESB), Doutora em Ensino, Filosofia e História da Ciência (UFBA)  Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6657-5710> E-mail: silvananascimento@uesb.edu.br

Lucas da Conceição Santos. Professor no Caixa Escolar do Centro Territorial de Educação Profissional do Médio Rio das Contas (CETEP), graduado em Ciências Biológicas (UESB), Doutor em Educação para a Ciência (UNESP)  Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4884-2648> E-mail: lucas.conceicao@unesp.br

Endereço para correspondência: Débora Souza Silva. Rua Waldomiro Barreto n° 358, Bairro: Euclides Neto CEP: 45570-790, Ipiaú-BA. Deborass1999@outlook.com

Recebido: 04/03/2026.

Aceito: 04/03/2026